

EXPLICAÇÃO CLARA
DA PERFEIÇÃO CRISTÃ

EXPLICAÇÃO CLARA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ



JOHN WESLEY

Traduzido por Cláudia Santana Martins

Copyright © 2020 por Editora Mundo Cristão

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

W533e

Wesley, John

Explicação clara da perfeição cristã / John Wesley;
tradução Cláudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo:
Mundo Cristão, 2020.
192 p.

Tradução de: A plain account of christian perfection
ISBN 978-85-433-0504-2

1. Teologia pastoral - Igrejas metodistas. 2. Perfeição
- Aspectos religiosos - Cristianismo. I. Martins, Cláudia
Santana. II. Título.

19-61751

CDD: 230.7
CDU: 277.6-1

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: abril de 2020

Sumário

<i>Prefácio à edição em português</i>	7
<i>Nota da tradução</i>	19
Uma explicação clara da perfeição cristã	21
Sermão 40: A perfeição cristã	139
Sermão 76: Sobre a perfeição	171

Prefácio à edição em português

William J. Abraham, professor da Southern Methodist University (Dallas, EUA) e uma das vozes mais importantes do metodismo mundial, afirma que “a doutrina de John Wesley sobre a perfeição cristã é, na melhor das hipóteses, uma letra morta e, na pior, uma fonte de ilusão política entre os metodistas contemporâneos”.¹ A crítica de Abraham à situação presente no metodismo global e local sobre um dos ensinamentos mais marcantes da teologia de Wesley deve-se ao fato de que, segundo ele, “a doutrina da perfeição cristã não é mais operativa”. As diversas denominações oriundas do metodismo histórico no Brasil se enquadram perfeitamente na crítica de Abraham, pois infelizmente tal ensino wesleyano nunca foi prioritário por aqui, tanto entre o corpo pastoral como entre o laicato.

Ao publicar uma nova edição da obra *A Plain Account of Christian Perfection*, a Mundo Cristão visa renovar o interesse dos leitores brasileiros nos ensinamentos de Wesley. No passado, a Imprensa Metodista fez uma primeira edição em 1933 e uma segunda em 1984. Além dessas duas edições em português, a Casa Nazarena de Publicações em 1981 também a publicou. Em inglês, a mais reconhecida é a editada por Randy L. Maddox e Paul W. Chilcote, publicada pela Beacon Hill Press em 2015.

A Plain Account of Christian Perfection teve sua primeira edição em 1766, pouco depois da controvérsia perfeccionista que

¹ Verbete “Christian Perfection”, in: James E. Kirby e William J. Abraham, *The Oxford Handbook of Methodist Studies* (Oxford: Oxford University Press, 2011).

por pouco não ameaçou a sobrevivência do avivamento metodista no início daquela década. Nela John Wesley oferece uma explanação ampla da doutrina da perfeição cristã, descrevendo o papel que ela exerceu no desenvolvimento de sua teologia e prática ministerial. Para ele, a perfeição pode ser assim definida: “é pureza da intenção, é dedicar toda a vida a Deus”. O amor a Deus e ao próximo é a base da doutrina da perfeição de Wesley, que somente pode ser alcançada pela graça como consequência do processo de santificação da pessoa crente.

O fato de que Wesley faz na obra uma descrição do seu desenvolvimento espiritual em termos de uma busca constante da experiência da perfeição cristã nos remete diretamente à sua vida e ministério.

No lar em que Wesley nasceu em 28 de junho de 1703, na casa pastoral da paróquia de Epworth, onde viveu até os 11 anos de idade, seus pais primavam por uma intensa vida devocional, tanto pessoal como comunitária. As famílias de Samuel e Susanna Wesley tinham entre seus antepassados alguns destacados puritanos. Em diferentes momentos da vida, porém, Samuel e Susanna romperam com o puritanismo e aderiram à Igreja da Inglaterra. Apesar de sua adesão à Igreja oficial — Samuel tendo até sido ordenado ministro —, ambos mantiveram uma intensa e rigorosa vida de piedade. Em contrapartida, vieram a celebrar com igual intensidade e rigor a vida litúrgica de sua nova Igreja. Fato é que Samuel e Susanna tinham firmes convicções religiosas e personalidade forte, com coração sincero e devotado.

O casal Wesley valorizava a prática dos exercícios espirituais no cotidiano familiar. Ambos demonstraram real preocupação com o bem-estar espiritual dos filhos. Samuel os influenciou por meio da devoção aos estudos e da participação constante no sacramento da Eucaristia, contrariamente à prática de seus

antepassados puritanos. A influência de Susanna sobre os filhos foi decisiva para o desenvolvimento de cada um deles, John em particular. Após a quase trágica morte de John, então com apenas 5 anos, durante um incêndio na casa pastoral de Epworth, Susanna resolveu dedicar uma noite por semana a cada um de seus filhos. A John ela dedicou a noite de quinta-feira, sendo especialmente cuidadosa com ele, vendo em seu salvamento milagroso do incêndio um sinal de que algo lhe estaria providencialmente reservado no futuro.

Ao lado do cuidado com a formação religiosa, o casal Wesley se preocupava também com a formação intelectual, tanto de seus meninos como de suas meninas, desde a tenra idade, inclusive com o estudo de línguas clássicas. Isso fez que John fosse enviado em 1714 para Londres, a fim de estudar na Chaterhouse School, que oferecia educação para alunos pobres, mas intelectualmente brilhantes. Seu pai conseguiu que um nobre inglês indicasse John como sua escolha pessoal para aquela escola. Em Chaterhouse, Wesley demonstrou-se um aluno aplicado e disciplinado, sendo considerado um excelente estudante.

Após seis anos em Chaterhouse, em junho de 1720, com 17 anos, Wesley estava pronto para estudos mais avançados, ingressando na Christ Church, uma das faculdades da renomada Oxford University, onde alguns dos homens da família Wesley haviam se graduado. Em 1724, Wesley se formou, e em 19 de setembro de 1725 foi ordenado diácono na Catedral da Christ Church. Eleito membro do Lincoln College em março de 1726, tendo deixado Oxford em 1728 para ajudar seu pai, reitor da paróquia de Epworth, Wesley foi ordenado sacerdote em setembro de 1728.

No ano de sua ordenação ao diaconato, Wesley leu Tomás de Kempis e Jeremy Taylor. Interessado pela mística cristã, começou a procurar as verdades religiosas que sustentariam o avivamento

metodista do século 18. Além desses autores, mais tarde a leitura de obras do clérigo inglês William Law deu-lhe, segundo seu próprio relato, uma visão mais sublime da lei de Deus; e ele decidiu mantê-la, interna e externamente, o mais sagrada possível, acreditando que na obediência rigorosa encontraria a salvação. Em conformidade com a formação disciplinada recebida em sua infância, agora se lhe impunha uma vida religiosa rigidamente metódica e regrada, estudando as Escrituras, cumprindo diligentemente os deveres religiosos e privando-se financeiramente para poder doar esmolas aos necessitados. Foi o começo de sua busca da santidade de coração e vida, que duraria até o final de seus dias. Para alguns dos estudiosos do movimento metodista, essa teria sido a primeira conversão de Wesley.

Depois de um tempo fora de Oxford exercendo tarefas pastorais em Epworth e Wroot, Wesley retornou à universidade em outubro de 1729, onde se juntou a seu irmão Charles, agora também um estudante na Christ Church, que com outros dois alunos, Robert Kirkham e William Morgan, havia formado um grupo para a prática regular de exercícios religiosos. O grupo se propôs encontrar-se regularmente para ler juntos as Escrituras Sagradas e receber a ceia do Senhor toda semana. Acabaram jocosamente apelidados de “metodistas”, devido ao foco no estudo metódico e nos exercícios devocionais.

Logo depois de integrar-se ao grupo, John assumiu sua liderança, promovendo a adesão de outros estudantes. Os “metodistas” vieram a ser conhecidos como o “Clube Santo”, por sua frequente participação no sacramento da ceia do Senhor e pela prática do jejum pelo menos dois dias da semana. A partir de 1730, o grupo acrescentou serviços sociais a suas atividades, visitando prisioneiros nas cadeias de Oxford, ensinando-os a ler, pagando-lhes as dívidas e tentando encontrar-lhes emprego. Os metodistas também estenderam suas atividades a casas de

trabalho e pessoas pobres, distribuindo comida, roupas, remédios e livros e administrando uma escola. Em certo sentido, o disciplinado exercício dessas atividades por todos os membros do Clube Santo já prefigurava a ênfase que Wesley daria às obras de misericórdia e de piedade no caminho da salvação, após a experiência do novo nascimento, em busca do alvo maior da santidade de coração e vida, a perfeição cristã.

Depois da morte de seu pai, em abril de 1735, John foi persuadido por John Burton e pelo coronel James Oglethorpe, governador da colônia inglesa da Geórgia, na América do Norte, a supervisionar a vida espiritual dos colonos e desenvolver como agente da Sociedade de Propagação do Evangelho a missão entre os povos indígenas da região. Acompanhado por Charles, ordenado para tal missão, John na viagem para a América conheceu alguns crentes moravianos que lhe pareceram possuir a paz espiritual pela qual tanto ansiava. A missão para os índios fracassou, e o trabalho pastoral entre os colonos se constituiu numa enorme dor de cabeça para ambos os irmãos Wesley. John, em particular, procurou exercer fielmente seu pastorado, mas sua rígida disciplina própria da Alta Igreja inglesa acabou por gerar conflitos com sua congregação.

A decepção culminante se deu depois que Wesley se apaixonou por uma jovem chamada Sophia Hopkey, que estava no mesmo navio em que os Wesley cruzaram o oceano e era sobrinha do magistrado da então pequena aldeia de Savannah. Diante das indecisões de Wesley em assumir um relacionamento mais sério com ela, com a desculpa de que o casamento poderia tornar-se uma ameaça ao seu ministério missionário, Sophia acabou casando-se com outro homem. Em retaliação, Wesley a suspendeu da ceia do Senhor, o que atraiu a ira do tio magistrado. Para escapar da prisão que lhe foi imposta, pela acusação de haver difamado a honra de Sophia, em dezembro

de 1737 Wesley fugiu da Geórgia em desabalada carreira no meio da noite. Mal-entendidos e perseguições decorrentes do episódio o forçaram a voltar para a Inglaterra.

De volta a Londres, o atribulado Wesley se viu dominado por um sentimento de fracasso que colocou em xeque sua busca de salvação mediante a observância rigorosa de disciplina espiritual. Foi nessa desesperadora situação que ele conheceu Peter Böhler, um pregador moraviano que o convenceu de que o que ele precisava era ter simplesmente fé em Cristo. Em 24 de maio de 1738, em Londres, durante uma reunião na Rua Aldersgate assistida em grande parte por moravianos, a convicção intelectual de Wesley se transformou em uma experiência pessoal. Assim narra ele em seu famoso diário essa experiência histórica que, embora não perdesse de vista a busca da santidade de coração e vida que desde 1725 o norteava, mudaria por completo o rumo de sua jornada espiritual:

Ao anoitecer, muito a contragosto, fui a uma reunião na Rua Aldersgate; quando cheguei, alguém estava lendo o prefácio de Lutero à Epístola de Paulo aos Romanos. Por volta das quinze para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração mediante a fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que agora confiava realmente em Cristo, e em Cristo somente, para salvação; e me foi dada a certeza de que ele havia perdoado os meus pecados, sim, até mesmo os meus, e que eu estava salvo da lei do pecado e da morte.²

Quando dessa reviravolta em sua vida, Wesley estava com 35 anos. Daí em diante, Wesley desenvolveria seu ministério sob a

² John Wesley, *Journal*, 24 de maio de 1738, in: W. R. Ward e R. P. Heitzenrater (eds.), *The Works of John Wesley* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1988–2003), vols. 18–24.

convicção de que Deus havia levantado o povo chamado “metodistas” com o propósito de “reformatar a nação, em particular a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre a terra”, conforme sua declaração na Primeira Conferência Anual de Pregadores Metodistas, em 1744. Entretanto, os templos da Igreja da Inglaterra pouco a pouco foram se fechando para a pregação de Wesley, acusado de “entusiasmo” religioso. Procurou, então, as sociedades religiosas inspiradas pela piedade puritana, tentando nelas injetar novo vigor espiritual, introduzindo *bands* semelhantes às dos moravianos que tinha visto na Georgia e, posteriormente a Aldersgate, em Herrnutt — ou seja, pequenos grupos dentro de cada sociedade que estavam reservados a membros do mesmo sexo e estado civil e já preparados para compartilhar segredos íntimos uns com os outros e receber mútuas exortações. Para esses grupos, Wesley estabeleceu as Regras das *Bands* em dezembro de 1738.

Em 1739, George Whitefield (antigo companheiro do Clube Santo, que tivera sua experiência de conversão em 1735 e viria a tornar-se um dos grandes pregadores do avivamento evangélico na Grã-Bretanha e na América do Norte) convenceu Wesley a pregar ao ar livre, fora dos templos, às massas de trabalhadores das minas de carvão. Wesley reuniu convertidos em sociedades para a comunhão contínua e crescimento espiritual. Dentro das sociedades, em 1742, organizou as classes que se tornariam a ferramenta fundamental para consolidação do avivamento metodista; para seu ordenado funcionamento, Wesley estabeleceu em 1743 as Regras Gerais para as Sociedades Unidas. A fim de promover novas sociedades, tornou-se um pregador itinerante viajando por toda Inglaterra, País de Gales e Irlanda.

Como a maioria dos clérigos ordenados da Igreja da Inglaterra não se mostrou aberta ao seu ministério evangélico fora dos padrões reconhecidos pela hierarquia eclesiástica,

Wesley foi obrigado a usar o serviço de leigos dedicados, que como ele também se tornaram pregadores itinerantes e ajudaram a administrar as sociedades metodistas. O crescimento dos metodistas exigiu a construção de capelas que servissem como centros para pregação, mas não para a celebração dos sacramentos, que deviam ser buscados na paróquia local. Pouco a pouco, seu espírito prático foi quebrando os preconceitos de sua formação na Alta Igreja, a fim de atender às novas demandas da missão que animava os metodistas.

Com as estruturas básicas das sociedades e das classes, e sob a liderança de Wesley e seus pregadores, reunidos anualmente em uma conferência para receber as devidas orientações e designações, o metodismo foi se consolidando. Entretanto, crises se tornaram inevitáveis ao longo da liderança de John Wesley. Para responder aos desafios e aos problemas postos pelo crescimento do avivamento, Wesley projetou-se como profícuo teólogo, sistematicamente produzindo seu *Diário*, bem como sermões, tratados, livros e cartas com orientações teológicas e práticas reclamadas pelos pregadores, líderes das classes e metodistas em geral.

Essa fase do pensamento e da vida de Wesley, portanto, é marcada pela experiência de Aldersgate, pela rejeição das estruturas eclesiais e acadêmicas das quais era um fiel membro, pela adesão a medidas evangelísticas não convencionais que motivaram o surpreendente crescimento dos metodistas, pela consolidação organizacional do movimento metodista, pelos conflitos teológicos com os calvinistas, e pela controvérsia perfeccionista incipiente durante a década de 1750, mas explosiva nos inícios da de 1760.

Embora a doutrina não fosse contrária aos ensinamentos da Igreja da Inglaterra, sua ênfase pelos irmãos Wesley não era nada comum. A controvérsia em Londres na verdade foi

o desabar de uma tempestade que já havia algum tempo vinha se acumulando. O conceito de santificação que conduz à perfeição foi se espalhando entre muitos metodistas durante os anos de 1750 e, misturado com cultos extremamente emocionais, acabou por criar a possibilidade de um inebriante sentimento de superioridade espiritual por parte daqueles que afirmavam tê-la alcançado. O próprio John Wesley por algum tempo encorajou entre seus seguidores a esperança de que alguém pudesse alcançar essa experiência logo após o novo nascimento.

Logo, porém, surgiram divergências sobre a natureza e as consequências de tais experiências, reforçando as acusações dos adversários de Wesley quanto ao caráter entusiasta do metodismo. Dois líderes da Sociedade de Londres, Thomas Maxfield e George Bell, passaram a propagar uma versão mais extremada do ensino sobre a perfeição, dando ênfase ao seu caráter instantâneo em detrimento do gradualismo de Wesley, e afirmando que sua maior evidência seriam as experiências extraordinárias, e não o amor a Deus e ao próximo, e que quem a alcançasse não mais seria tentado nem cairia da graça. Charles Wesley, que sempre entendeu a perfeição cristã como um “artigo de morte”, impossível de ser experimentada antes dela, reagiu fortemente contra tal entusiasmo. Em dezembro de 1761, John escreveu a seu irmão, reconhecendo que havia perigo de o metodismo cair no propalado entusiasmo, mas que ele não achava que o risco seria agora maior do que tinha sido por vinte anos. Entretanto, os excessos da radicalização entusiasta dos adeptos do perfeccionismo, que causaram grande confusão no interior do movimento e grande dano à relação dos metodistas com a Igreja da Inglaterra, inclusive com sua ala evangélica, levaram Wesley a desassociar-se dos perfeccionistas.

A controvérsia perfeccionista da Sociedade de Londres convenceu Wesley de que deveria cuidar com mais zelo e disciplina do que era pregado e ensinado em suas capelas. É dentro do contexto teológico que se seguiu à controvérsia perfeccionista do início da década de 1760 que Wesley em 1766 escreveu seu tratado sobre a perfeição cristã. Em *A Plain Account of Christian Perfection* [Explicação clara da perfeição cristã] ganha maior expressão a ênfase que Wesley dava a uma vida restaurada em amor e santidade, ensino que segundo ele se tornou “uma das marcas distintivas mais importantes do movimento metodista”,³ ou ainda o “*grand depositum*” confiado por Deus aos metodistas.

Uma das grandes dificuldades relacionadas ao ensino de Wesley sobre a perfeição cristã é a compreensão do termo “perfeição” a partir do pensamento teológico do cristianismo ocidental, principalmente entre as diversas correntes oriundas da Reforma Protestante do século 16. Na verdade, seu entendimento da perfeição cristã tem muito mais a ver com a teologia oriental, de tradição ortodoxa, sobretudo o ensino sobre a *theosis*, o processo de deificação pela participação do crente na natureza divina.

Segundo Randy Maddox, a vida de santidade de coração e vida demanda um compromisso responsável da pessoa crente diante do gracioso favor divino oferecido a toda humanidade. Em Cristo somos chamados ao novo nascimento e ao crescimento espiritual, a fim de andarmos como Cristo andou. Assim, o ensino ortodoxo sobre a *theosis* e o ensino de Wesley sobre o processo da santificação são fundamentais para a compreensão da doutrina sobre a perfeição cristã:

³ Citado em Randy L. Maddox e Paul W. Chilcote (eds.), *A Plain Account of Christian Perfection, Annotated* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press, 2015), p. 14.

O que é mais característico e comum entre Wesley e o cristianismo ortodoxo oriental é sua convicção de que a semelhança de Cristo não é simplesmente infundida nos crentes instantaneamente. É desenvolvida progressivamente mediante uma apropriação responsável dos meios de graça que Deus provê. As disciplinas espirituais são essenciais para esse processo de crescimento. Não há espaço para o quietismo.⁴

Na fase final de sua carreira teológica e ministerial, Wesley buscou “o equilíbrio na fé iniciada pela graça divina e confirmada pelas obras”, sem jamais abrir mão do “cuidado com a santidade, incluindo a questão da perfeição cristã relacionada a questões sociais”.⁵ À época de sua morte, em 2 de março de 1791, a contribuição teológica e ministerial de Wesley à doutrina da santidade cristã já estava consolidada, e é difícil mensurar a influência e inspiração que exerceu nas gerações e gerações vindouras.

Ao lançar esta importante obra de John Wesley acrescida dos conhecidos sermões “A perfeição cristã” (1741) e “Sobre a perfeição” (1784), a Mundo Cristão presta um inestimável serviço ao campo evangélico brasileiro que vai muito além das diferentes manifestações do metodismo no país. Num momento em que há grande confusão teológica entre nossos evangélicos, com sérias consequências para a prática da ética cristã, tanto na vida pessoal como na vida comunitária, a publicação de *Explicação clara da perfeição cristã* pode ajudar-nos a melhor valorizar

⁴ Randy Maddox, “John Wesley and Eastern Orthodoxy: Influences, Convergences and Differences”, in: *The Asbury Theological Journal*, vol. 45, n.º. 2 (1990), p. 39-40.

⁵ Verbete “John Wesley (1703–1791)”, in: *The Boston Collaborative Encyclopedia of Western Theology*, disponível em: <<http://people.bu.edu/wwildman/bce/wesley.htm>>. Acesso em 14 de novembro de 2019.

a prática da santidade de coração e vida e a redescobrir o segredo de andar como Cristo andou.

PAULO AYRES MATTOS

Bispo emérito da Igreja Metodista do Brasil e
presidente da diretoria da organização Koinonia Presença
Ecumênica e Serviço

Nota da tradução

A tradução do ensaio *A Plain Account of Christian Perfection* e dos sermões “Christian Perfection” e “On Perfection” se baseou na compilação *The Works of John Wesley*, editada por Thomas Jackson (1872). As notas indicadas como “N. do E.” (nota do editor) e “N. do A.” (nota do autor) são comentários extraídos da edição mencionada.

Sobre a tradução das citações bíblicas, convém dizer que John Wesley cita as Escrituras recorrentemente, muitas vezes sem mencionar a fonte. Para permitir que o leitor tivesse acesso a essas citações, incluímos referências de todas as citações que conseguimos localizar. Sempre que possível, utilizamos a *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB); em alguns casos, recorremos à *Almeida Revista e Corrigida* (RC), também da SBB, e à *Bíblia de Jerusalém* (BJ), da Paulus, sobretudo nas citações de livros deuterocanônicos. Algumas poucas citações foram extraídas do *Livro de Oração Comum* (LOC), da Igreja da Inglaterra, e traduzidas diretamente do original.

Em geral, Wesley cita o texto bíblico a partir da Versão Autorizada (VA) do rei Jaime, a *King James* de 1611. Em uma ocasião, traduz diretamente da Vulgata Latina, e ainda outras vezes cita, aparentemente, de memória, alterando termos e até mesmo estruturas sintáticas. Por exemplo, ele cita “Pray without ceasing” (1Ts 5.17) como “[he] prays without ceasing”. Assim, na tradução, em vez de “orai sem cessar”, foi preciso

traduzir por “[ele] ora sem cessar”. Há casos em que Wesley altera uma ou outra palavra da citação bíblica. Por exemplo, em vez de “Touch not mine anointed, and do my prophets no harm” (1Cr 16.22), ele escreve: “Touch not mine anointed, and do my children no harm”. Assim reproduzimos essa modificação na tradução: “Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus filhos”, em vez de “Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas”. Outras vezes, quando a citação bíblica foi muito alterada, acrescentamos a referência à passagem, mas retiramos as aspas da citação.

Quanto à tradução dos hinos: como se sabe, é impossível reproduzir em outra língua todas as características de forma e significado de um poema. Procuramos traduzir os hinos mantendo a rima e a métrica sempre que possível. Não são, no entanto, traduções que se prestem ao canto. Para tanto, teria sido preciso modificar muito o conteúdo semântico. Ainda assim, a necessidade da rima e da adequação à métrica levou a algumas poucas supressões e acréscimos de termos que, acreditamos, não alteram substancialmente o conteúdo. Em alguns poucos casos, tivemos também de alterar o esquema das rimas — por exemplo, de encadeadas (ABAB) a emparelhadas (AABB) ou interpoladas (ABBA). Houve ainda casos em que, para preservar a semântica, foram acrescentados versos. Uma estrofe de seis versos, por exemplo, passou a ter oito. Isso foi necessário porque, ao contrário do português, o inglês é uma língua com muitos monossílabos e um tanto sintética.

Todo esse cuidado com a tradução teve por objetivo, a todo tempo, uma reprodução digna do pensamento de Wesley e uma experiência de leitura adequada para leitores em língua portuguesa do século 21.